



**EIXO TEMÁTICO:**  
**Compartilhamento da Informação e do Conhecimento**

## **O COMPARTILHAMENTO DE INFORMAÇÃO EM MAPAS COLABORATIVOS NA INTERNET**

### **THE INFORMATION SHARING ON INTERNET COLLABORATIVE MAPPING.**

Ramon Fernandes Lourenço - uel.ramon@gmail.com  
Jackson Leonel Ferreira - jacksonleonelferreira@gmail.com  
Maria Inês Tomaél - maritomael@gmail.com

**Resumo:** Este artigo realizou um amplo levantamento acerca dos projetos de mapas colaborativos existentes no cenário brasileiro, tendo como objetivo analisar o panorama dos projetos de mapeamentos colaborativos desenvolvidos no país e o compartilhamento da informação nessas plataformas. Para referenciar a discussão trabalhou-se com três linhas conceituais que auxiliaram a desenvolver o entendimento sobre o que são os mapas colaborativos sendo, mídias locativas, redes sociais e compartilhamento da informação. Ao final do levantamento foram analisados 74 projetos de mapeamentos, confirmando que os processos de compartilhamento de informação nestas ferramentas são numerosos e estão relacionados tanto as suas características técnicas quanto aos direcionamentos temáticos assumidos pelos projetos.

**Palavras-chave:** Mapeamentos Colaborativos. Compartilhamento da Informação. Mídias locativas. Mídias Sociais. Redes Sociais.

**Abstract:** This article carried out an extensive survey on the existing projects of collaborative maps in Brazilian scenario, aiming to analyze the panorama of collaborative mapping projects developed in the country and the information sharing on these platforms. To reference this discussion worked with three conceptual lines that helped to develop the understanding of what are the collaborative maps, being locative media, social network and information sharing. At the end of the survey 74 mapping projects were analyzed, confirming that the information sharing processes on these tools are numerous and many are related to its technical characteristics and the thematic directions made by projects.

**Keywords:** Collaborative mapping. Information Sharing. Locative Media. Social Media. Social Network.

## **1 INTRODUÇÃO**

Analisar a relação existente entre os modernos mapas colaborativos, que com suas dinâmicas interativas entre indivíduos e espaço podem ser caracterizados como mídias locativas, e as redes sociais, em seu potencial de compartilhamento de informação e conhecimento, é uma forma de se repensar a relação entre a

sociedade, informação e espaço na contemporaneidade. Este é um ponto fundamental ao se buscar entender a nova configuração dos fluxos de poder deste mundo hiperconectado, onde o conhecimento e a informação assumem papel fundamental na transformação social e o indivíduo busca ser mais ativo e consciente de seu papel na sociedade.

Nesta relação entre novas mídias e territórios ressalta-se o crescimento que projetos de mapeamentos colaborativos vem alcançando nos últimos anos. Este crescimento é fruto da apropriação de ferramentas que possibilitam uma nova relação com espaço, ampliando as formas de interação com finalidades diversas, desde relatar o roteiro de uma viagem realizada até a busca pela resolução de problemas relacionados ao território. Tal fato se evidencia ao verificar o surgimento de ferramentas de georreferenciamento colaborativo como o Google Mapas ou o *Open Street Map*, onde qualquer pessoa pode interagir com um mapa, personalizando temas, roteiros e inserindo conteúdos e narrativas de seu interesse.

É inserido neste contexto que este artigo pretende apresentar os resultados do projeto “Compartilhamento da Informação em mapas colaborativos”, cuja proposta foi realizar um amplo levantamento acerca dos projetos de mapas colaborativos existentes no cenário brasileiro, tendo como objetivo analisar o panorama dos projetos de mapeamentos colaborativos desenvolvidos no país e o compartilhamento da informação nessas plataformas. Ao conseguir identificar o panorama dos projetos desenvolvidos no país, pode-se classificar os projetos pela quantidade de conteúdos presentes no mapa e também por suas temáticas principais, além de descrever quais projetos tiveram, além da página web do próprio mapa, apoio de ferramentas sociais de compartilhamento de informação.

Estas informações levantadas forneceram subsídios para verificar que ao menos a metade dos projetos de mapas colaborativos no país utilizam do potencial das mídias sociais para criar um fluxo de compartilhamento de informação, e que a grande maioria destes projetos tem quantidade relevante de informação sendo distribuída por suas plataformas. Além disso verificou-se que a maioria dos projetos surgem como forma de protesto, com o propósito de colocar em evidência problemas territoriais vivenciados pelas comunidades, mas que por falta de diálogo e engajamento, dificilmente geram alguma ação real de transformação do território.

## 2 ENTENDENDO OS FUNDAMENTOS DOS MAPAS COLABORATIVOS

Para criar o corpus teórico que referenciou a discussão gerada pelo projeto, optou-se por trabalhar com três grandes conceitos que, ao serem analisados em profundidade sintetizam a ideia central das pesquisas com mapas colaborativos: mídias locativas, redes sociais e compartilhamento da informação. A relação entre estes três conceitos e sua importância para este trabalho fica evidente a medida em que se procura responder as questões já levantadas por Levy (1999, p.185), sobre “como o desenvolvimento do ciberespaço afeta o urbano e a organização dos territórios? Que procedimento ativo, positivo, que tipos de projetos podem ser desenvolvidos para explorar da melhor forma possível os novos instrumentos de comunicação?”. Tais questões direcionam a análise para o resultado da aproximação entre ciberespaço e território, o que leva a uma releitura sobre a nova relação entre pessoas lugares e informação, mediadas pelas novas tecnologias digitais.

Esta nova inter-relação entre pessoas, lugares e informação é a essência do conceito de mídias locativas, que atuam como mediadoras na construção destes territórios. Lemos (2013, p.91) estabelece uma definição interessante para estas mídias:

Podemos definir as mídias locativas como dispositivos, sensores e redes digitais sem fio e seus respectivos bancos de dados “atentos” a lugares e contextos. Dizer que essas mídias são atentas a lugares e a contextos significa dizer que elas reagem informacionalmente aos mesmos, sendo eles compostos por pessoas, objetos e/ou informação, fixos ou em movimento.

Assim, pode-se perceber como tais mídias corroboram para a consolidação deste território informacional, servindo de ponte entre pessoas, objetos e informações, ressignificando a compreensão e o uso dos lugares por meio de ferramentas que vinculam localização e mobilidade. Lemos (2009, p.92) destaca ainda que “a característica fundamental das mídias locativas é que elas aliam, paradoxalmente, localização e mobilidade. [...] mobilidade informacional, aliada à mobilidade física, não apaga os lugares, mas os redimensionam”.

Desta forma o uso das mídias locativas possibilita uma ressignificação dos lugares por meio de sua dinâmica que integra componentes simbólicos, como a experiência do cidadão comum em seu bairro, e técnicos, a utilização da ferramenta com seu potencial de associação em rede e criação colaborativa para a

transformação dos lugares.

Para o estudo destas mídias Lemos (2009, p. 94) propõe que os projetos desenvolvidos nesta temática podem ser relacionados em cinco categorias, sendo:

1. Anotações urbanas eletrônicas (*geo-annotation*) - escrita eletrônica no espaço, indexando dados a um determinado lugar com conteúdos diversos.
2. Mapeamento – etiquetas geográficas (*geotags*) e produção de cartografias diversas, vinculando informações como fotos, textos, vídeos, sons a mapas ou conjunto de mapas.
3. Redes sociais móveis (*mobile social networking*) – sistemas de localização de pessoas criando possibilidades de encontro e/ou troca de informação em mobilidade através de *smartphones*.
4. Jogos computacionais de rua (*Pervasive Computational Games*) - jogos de diversas modalidades nos quais parte importante da trama se dá no espaço urbano com o uso de LBT<sup>1</sup> e LBS<sup>2</sup>.
5. Mobilizações inteligentes (*Smart e Flash Mobs*) - mobilizações políticas e/ou estéticas utilizando as LBT e LBS para organizar reuniões efêmeras no espaço público.

Retomando o objeto de estudo deste trabalho, verifica-se que projetos de mapeamentos colaborativos digitais guardam relação direta com a segunda categoria apontada pelo autor, justamente por serem mapas produzidos coletivamente pela população da cidade, com conteúdo informacional diverso. Esta prática de criação de mapeamentos colaborativos que tem por objetivo ressaltar demandas e problemas de determinadas comunidades pode ser também definida como Cartografia Crítica. Este conceito de prática cartográfica vai contra a dinâmica tradicional de reconhecimento dos territórios, não se atendo às métricas padrões da cartografia tradicional, justamente por reconhecer que os “mapas são ativos; eles constroem ativamente o conhecimento, exercem poder e podem ser poderosos meios para promover a transformação social” (CRAMPTON; KRYGIER, 2008, p. 89).

Seeman (2010, p.10) também contribui para a construção deste conceito, dizendo que "a cartografia crítica engloba práticas de contra-mapeamento que se tornam instrumentos importantes para a resistência cultural, o ganho de autonomia e o controle sobre o espaço (*empowerment*)". Justamente por ter em sua essência a participação social, seu resultado pode ser algo incompleto, em contínua construção, com conteúdo subversivo, contribuindo para a desconstrução de posicionamentos cristalizados.

À medida que esta mídia vai se configurando por meio da dinâmica de construção colaborativa, pelo compartilhamento da informação e pelas micro-

---

1 Location-based technologies.

2 Location-based services.

apropriações, os agentes vão se tornando cada vez mais responsáveis por manter o fluxo informacional nesta plataforma, o que possibilita que a comunidade envolvida se aproprie da ferramenta e a utilize de acordo com suas necessidades. Assim, percebe-se que a cartografia crítica, materializada como uma mídia locativa, é também resultante das novas dinâmicas estabelecidas entre pessoas, lugares e informação em um território informacional.

Estas novas formas de interação com foco no compartilhamento da informação e na articulação em rede é o que possibilita a ampliação das formas de participação do cidadão por meio das tecnologias de informação e comunicação. Assim, verifica-se que os conceitos de mídias locativas e compartilhamento da informação neste contexto tem em seu núcleo a criação de um fluxo relacional estabelecido entre pessoas, informação e lugares, e que o estudo de tal fluxo não é possível sem o entendimento de um conceito central, o de redes sociais.

Desta forma, entende-se redes sociais em seu conceito ampliado, não confundindo com as mídias sociais, mas sim como o conjunto de laços sociais construídos pelos indivíduos durante sua vida, suas relações interpessoais. Marteleto define as redes sociais como:

[...] sistemas de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede. A rede social, derivando deste conceito, passa a representar um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados. (MARTELETO, 2001, p.72).

Ao indicar que as redes sociais são estruturas sem fronteiras, que são comunidades sem ligação geográfica a autora ressalta a potencialidade de projetos de mapas colaborativos digitais cujo intuito é unir pessoas em favor de causas específicas em um território. Tomaél compartilha e reforça esta visão, afirmando que o estudo das redes “[...] coloca em evidência a realidade social e as ações dos indivíduos no espaço em que se pode configurar as redes.” (TOMAÉL, 2007, p. 4).

Ao propor o levantamento dos projetos de mapeamentos colaborativos brasileiros disponíveis na web, pretende-se colocar em evidência, tal qual apresentado por Tomaél, seus processos de compartilhamento de informação.

Para que o compartilhamento de informação possa se estabelecer de maneira adequada, Di Chiara, Alcará e Tomaél (2010) destacam que a similaridade, a familiaridade e a simpatia são elementos importantes para a promoção do fluxo informacional, além da “congruência social, que ocorre quando os membros do

grupo estão vinculados ou possuem laços sociais relacionados ao mesmo tipo de informação (grupos sociais correspondentes)” (DI CHIARA; ALCARÁ; TOMAÉL, 2010, p. 107). Assim fica mais claro verificar que a medida que os projetos de mapeamentos colaborativos colocam em contato pessoas que compartilham de um mesmo contexto (território e experiências comuns), contribuem também para o estabelecimento de redes com grande potencial de compartilhamento de informação.

Esta abordagem da rede social com foco na transformação coletiva de determinada realidade guarda grande relação com o conceito de capital social, assim definido por Bourdieu como “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1980, p.2 *apud* MATOS, 2009, p.35). Tal relação fica mais evidente ao analisar o que diz Matos (2009, p.35) sobre o tema:

O capital social descreve circunstâncias nas quais os indivíduos podem se valer de sua participação em grupos e redes para atingir metas e benefícios. Assim, além de atributo individual, o capital social é visto como componente de ação coletiva, ativando as redes sociais.

Ao entender o capital social como componente da ação coletiva que ativa as redes sociais, é possível visualizar que projetos de mapeamentos colaborativos podem ser importantes ferramentas de articulação de capital social, justamente pela estreita relação entre pessoas, compartilhamento de informação e territórios ser explícita nestas ferramentas.

Portanto, verifica-se que o que ligam os atores nestas redes sociais não são características objetivas, tais como o espaço físico, mas sim a subjetividade dos valores e interesses compartilhados. Tais características subjetivas demonstram o potencial agregador da rede social para a conquista de resultados comuns, que geram o capital social. Este capital social pode ser visualizado nas plataformas de mapeamento colaborativo ao possibilitar a criação de um posicionamento coletivo frente as demandas levantadas pela sociedade, porém o que necessita ser verificado com mais detalhamento é se estas ferramentas estão, de fato, propiciando um ambiente favorável ao compartilhamento de informações necessários a estruturação de uma rede.

### 3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Sendo um estudo exploratório por natureza, o projeto se iniciou por meio de um levantamento teórico acerca das pesquisas já realizadas com a temática dos mapeamentos colaborativos na internet. Este levantamento foi feito utilizando as palavras-chave compartilhamento da informação, colaboração, interação, colaboração em rede, mapas colaborativos, cartografia colaborativa, mapeamento colaborativo e cartografia crítica nas fontes de pesquisas acadêmicas, sendo elas, Scielo, Brapci – Pesquisador, Periódicos CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Biblioteca Compós e Google Acadêmico.

Nesta primeira etapa foram levantados 55 trabalhos que forneceram subsídios interessantes para o direcionamento do projeto, uma vez que se pode verificar que o interesse em verificar o compartilhamento de informação vinculado aos mapas colaborativos na internet ainda não havia sido explorado especificamente.

Após este levantamento iniciou-se o processo de pesquisa dos mapas disponíveis na web, buscando por projetos desenvolvidos no país. Para tanto foi utilizada a ferramenta de busca do *Google*, onde todos os dados coletados foram compilados em uma tabela com as seguintes informações: nome do projeto, tema, formas de interação com o mapa, ferramentas de compartilhamento no mapa, página em mídias sociais, grau de participação no projeto, relato em outros sites ou jornais sobre o projeto e *link* para acesso.

Tais informações foram fundamentais para a análise do compartilhamento de informação dos projetos de mapeamentos colaborativos disponíveis na internet. Neste sentido, foi possível identificar o panorama em que se encontram tais projetos atualmente, buscando o número de projetos ativos e inativos, a classificação dos mapas pela quantidade de conteúdo postado e também pelas temáticas tratadas, verificar quais tem auxílio de outras ferramentas além do próprio mapa, tais como mídias sociais. Por fim, apresentam-se os resultados obtidos até então.

### 4 RESULTADOS ALCANÇADOS

Ao final do processo de pesquisa dos projetos de mapeamentos colaborativos foram encontradas 74 iniciativas desta natureza. Porém nem todas elas estavam ativas ou então se enquadravam nas características desejadas por este projeto,

mapas que tenham real abertura para participação de usuários externos aos projetos. Desta forma, do número inicial 28 são projetos inativos, 4 são mapas não colaborativos, 8 são infográficos em forma de mapas digitais e, por fim, 34 foram os mapas colaborativos analisados que correspondiam às características necessárias. Estes números apresentam informações importantes acerca do panorama destes projetos no Brasil, uma vez que ao analisar a pequena diferença entre projetos ativos e inativos, pode-se verificar indícios de certa efemeridade, algo comum à iniciativas na internet, onde tudo tem início e término muito rápido.

Outra característica importante identificada foi com relação às temáticas tratadas pelos projetos, mostrando grande riqueza e diversidade, indo do mapeamento de buracos nas ruas das cidades brasileiras, de situações de roubos e assédio sexual até o mapa com informações importantes para motoboys em São Paulo. Neste sentido foi necessário o agrupamento em grandes temáticas, assim como apontado no quadro 1:

**QUADRO 1: Projetos por temas**

<b>Temas</b>	<b>Quantidade</b>
Denúncia contra a situação das cidades	9
Arte e Cultura	8
Novas vivências na cidade – Divulgação de lugares para prática esportiva e de estilo de vida mais saudável, além da relação à mobilidade urbana.	7
Denúncia de crimes	6
Diversos	3
Meios de comunicação comunitária	1

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Ao verificar as temáticas mais comuns é possível visualizar claramente a tendência dos mapas colaborativos para a cartografia crítica (CRAMPTON; KRYGIER, 2008; SEEMAN, 2010), pois prevalecem iniciativas voltadas a melhoria das cidades, denúncias de crimes e ao chamado para uma nova forma de vivenciar as cidades, com novos hábitos voltados para a consciência ambiental e de preservação dos espaços públicos.

No que diz respeito às características técnicas dos projetos foram analisadas as formas como o usuário consegue inserir informações no mapa, se os mapas tinham ferramentas de apoio para compartilhamento de informação, tais como mídias sociais, e se os projetos mantinham páginas em mídias sociais. Estas três características técnicas dos projetos foram importantes para entender de que forma



o usuário poderia interagir com a ferramenta e também de que forma ele poderia compartilhar sua informação com outros usuários, apontando para a forma com que o compartilhamento de informação ocorre nestes projetos.

O primeiro ponto analisado foram as formas de inclusão de informação nos projetos, se seu acesso era permitido como produtor de informações ou meramente como visitante. Este é um ponto crucial para a efetiva participação dos usuários, uma vez que um processo complicado de cadastro, ou uma ferramenta muito detalhada e não intuitiva poderiam dificultar o compartilhamento das informações nas plataformas. Assim, os projetos foram analisados na forma com que era possível incluir informações no mapa, ou seja, como um usuário poderia compartilhar uma informação no mapa.

Para esta tarefa foram identificados quatro formas mais comuns, categorizadas de acordo com o nível de facilidade de acesso, sendo que no primeiro o usuário não precisa de qualquer tipo de cadastro prévio, bastando acessar o site do projeto e incluir a informação desejada, sem qualquer mediação. Já para o segundo perfil é necessário um cadastro prévio para a inclusão da informação, após o cadastro o usuário poderá livremente incluir conteúdo no projeto, este perfil por vezes pode apresentar algum tipo de mediação de conteúdo. O terceiro perfil já é marcado pela mediação de conteúdo, pois o usuário encaminha a informação ou por e-mail ou por formulário presente no próprio site que deverá ser analisado e disponibilizado pelos administradores do projeto. Já no último perfil o usuário não participa incluindo informações no mapa em si, podendo somente acessá-las e comentá-las em campos específicos. O Quadro 2 aponta qual perfil é o mais frequente dentre os mapas analisados.

**QUADRO 2: Formas de inclusão de informação na plataforma**

<b>Forma</b>	<b>Quantidade</b>
Descomplicado – facilita a rápida inclusão de informação no mapa – alto potencial de inclusão de informação – sem mediação de conteúdo.	8
Padrão – utiliza um cadastro prévio para poder incluir informação – alto potencial de inclusão de informação – pode ter mediação de conteúdo.	18
Difícil – usuário precisa encaminhar informação previamente para publicação – baixo potencial de inclusão de informação – tem mediação de conteúdo.	6
Sem inclusão de informação – usuário apenas acessa e comenta as informações já Cadastradas.	2

**Fonte:** Dados da pesquisa

Por meio da análise das possibilidades de inclusão de informação ficou bem claro que a grande maioria dos projetos de mapas colaborativos optam por solicitar algum tipo de cadastro prévio para seus usuários. Em uma leitura inicial esta necessidade poderia inibir os usuários de participar do projeto, pela barreira inicial de cadastrar suas informações e de criar um login e uma senha para acesso, porém isto foi refutado pela pesquisa. Esta forma de cadastro prévio aponta ainda para uma preocupação com o controle dos dados apresentados, uma vez que os autores das informações estarão facilmente vinculados ao conteúdo postado, podendo ser questionados diretamente. Como ponto positivo deste tipo de projeto é a possibilidade de se visualizar de forma clara a comunidade participante do projeto, uma vez que cada cadastro gerado nas plataformas é um perfil de usuário disponível com informações pessoais.

As outras duas características técnicas dos projetos que influenciam no compartilhamento de informação são a presença de outras ferramentas de compartilhamento no mapa e se os projetos mantêm páginas em mídias sociais. A presença de outras ferramentas de compartilhamento no próprio mapa é um facilitador para gerar maior fluxo informacional, uma vez que o usuário pode incluir sua informação desejada no mapa e compartilhá-la por um link direto em seu perfil pessoal em mídias sociais, ampliando a comunidade que estará exposta ao conteúdo. Com relação a este ponto verificou-se que dos 34 projetos, 15 apresentam outras ferramentas de compartilhamento, enquanto outros 19 não. Dentre as ferramentas destacaram-se *plugins* das maiores mídias sociais atualmente, *Facebook*, *Twitter*, *Google Plus* e *Tumblr*. Dois projetos apresentaram aplicativos para *smartphone* (*Android* e *IOS*), o que aumenta a possibilidade de interação com a ferramenta e fortalece sua natureza enquanto mídia locativa, agregando mobilidade e geolocalização.

A existência de páginas relacionadas ao projeto em mídias sociais também aumentam as possibilidades de compartilhamento de informação, uma vez que tais mídias oferecem um ambiente já consolidado para troca de conteúdos e geração de diálogos. Neste ponto verificou-se que metade dos projetos mantêm perfis em mídias sociais, o que aponta para esta preocupação e também a consciência de que a presença nestes sites é importante para a divulgação dos projetos.

Outro item analisado nos mapas foi a quantidade de informação já disponibilizada na ferramenta, sendo este um elemento que ilustra o próprio

compartilhamento de informação nestes projetos. Há mapas com uma grande quantidade de participações, muitos usuários, muito conteúdo disponibilizado e muita interação, mas há também outros projetos que não alcançaram todos estes resultados, ficando com poucos usuários e pouco conteúdo. Dos mapas analisados, 12 apresentaram alto número de informações disponibilizadas, apresentando mais de 300 pontos ou conteúdos georreferenciados pelos usuários. Já 11 apresentaram um desempenho médio, entre 100 e 299 conteúdos, e outros 11 projetos com baixo nível de informação compartilhada na ferramenta, pois tinham menos de 100 *posts*.

O cruzamento das características dos projetos com seu desempenho em relação ao conteúdo existente em suas páginas revelam algumas conclusões interessantes acerca do panorama dos projetos de mapas colaborativos analisados por esta pesquisa. Primeiramente verificou-se que as características técnicas dos projetos inferem diretamente no nível de informação compartilhada na ferramenta, pois elas delimitam a forma como usuário poderá interagir com a ferramenta e também com o conteúdo publicado por outros usuários. Desta forma verificou-se que projetos em que a inclusão da informação pelo usuário se dá de forma indireta, ou até mesmo impossibilitada, são os que apresentam menor número de informações compartilhadas em suas páginas. Por outro lado, aqueles projetos que apresentaram mais facilidades de acesso ao usuário são os que obtiveram maior quantidade de informações compartilhadas.

Outras facilidades como a presença de ferramentas de compartilhamento e também a existência de páginas em mídias sociais são destacadas como características importantes para mapas colaborativos com grande número de participações, confirmando a importância de tais ferramentas no processo de compartilhamento de informação.

As temáticas tratadas pelos mapas também se mostraram como importante fator que pode determinar o potencial de compartilhamento de informação do projeto. Algumas temáticas são mais atrativas e, portanto, provocam maior interesse do usuário em registrar sua experiência em um mapa colaborativo, com o objetivo de compartilhar sua informação com outras pessoas. Neste sentido verificou-se que os mapas que tinham por objetivo a denúncia de crimes são os que obtiveram maior nível de informações compartilhadas em sua página. Tais mapas têm por objetivo alertar sobre a segurança das cidades, fazendo os cidadãos se mobilizarem e indicarem regiões onde a segurança pública é insuficiente, mostrando que este

debate sobre segurança motiva as pessoas a compartilharem suas experiências.

Na próxima seção são encaminhadas algumas conclusões sobre estes dados apresentados.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O mapeamento colaborativo se apresenta como uma forma diferente de interagir com um território, seja diretamente em ações organizadas coletivamente para sua transformação física ou então de maneira simbólica, preenchendo de significados a região onde se mora, trabalha ou estuda. De qualquer maneira o que se mantém comum a estes projetos é a necessidade de criar um fluxo contínuo de compartilhamento de informação entre os usuários, pois é este movimento que possibilita que projetos desta natureza tenham um bom nível de informação e envolvimento.

Por meio desta pesquisa objetivou-se analisar o panorama dos projetos de mapeamentos colaborativos desenvolvidos no país, verificando de que forma estas ferramentas facilitavam o compartilhamento da informação. Assim pode-se verificar que as características técnicas dos projetos interferem diretamente em seu nível de informação compartilhada, pois são elas que determinam como os usuários interagem com a ferramenta e com outros usuários. Além disso, as temáticas específicas de cada projeto foram outro ponto crucial, sendo aquelas com maior apelo, como a questão da segurança pública, as que provocaram maior interesse no usuário em compartilhar informações pelos mapas colaborativos.

Estas temáticas ainda confirmaram a tendência dos projetos de mapas colaborativos no Brasil serem mídias locativas direcionadas à cartografia crítica, uma vez que são utilizados para dar voz às pessoas e comunidades sem grande representação pública. Ao tratar de temas como a questão da violência urbana, crimes ambientais e denúncias diversas quanto a situação das cidades, tais projetos dão visibilidade a problemas que passam no cotidiano das pessoas. Já ao tratar de temas como assédio sexual contra mulheres, poluição sonora e ciclismo como alternativa de mobilidade urbana, estes projetos propiciam a reflexão e a tomada de atitude acerca de assuntos geralmente sem grande visibilidade.

Foi preciso constatar também que o mapa colaborativo sozinho, é meramente um repositório de informação, mas quando aliado a outras ferramentas têm grande

potencial de aglutinador de pessoas com experiências e interesses similares. Uma vez que o usuário acessa um mapa sobre ciclismo como alternativa de mobilidade com o objetivo de compartilhar sua experiência do cotidiano, divulgando alternativas de rotas e ciclovias, este usuário está disponibilizando esta informação para uma comunidade que tem interesses em comum, podendo impactar diretamente no comportamento de outras pessoas que ali participam. Estas características são exemplos daquelas já apontadas por Di Chiara, Alcará e Tomaél (2010), ao descrever os elementos que mantêm o fluxo informacional em uma rede e também da congruência social necessária para a construção dos laços sociais.

Assim, verifica-se que os mapas colaborativos são ferramentas importantes para a construção de uma nova forma de se relacionar com o território, marcando presença não só como uma forma diferenciada de representação, mas também com grande potencial de compartilhamento de informação. Para tanto é necessário atentar para as características técnicas de cada projeto e também para o alinhamento temático que se pretende seguir, pois estes são cruciais para o sucesso do projeto.

## REFERÊNCIAS

- CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, Henri (Org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p.85-111.
- DI CHIARA, Ivone Guerreiro; ALCARÁ, Adriana Rosecler; TOMAÉL, Maria Inês. Tipos de compartilhamento de informação e do conhecimento no ambiente de P&D. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 20, n. 2, p.105-118, 2010.
- LEMOS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, São Paulo, v.1, n.1, p.121-138, 2007.
- \_\_\_\_\_. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. São Paulo, n. 25, p. 52-65, jun. 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARTELETO, Regina. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v.30, n.1, p.71-81, 2001.
- MATOS, Heloíza. **Capital Social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.

TOMAÉL, Maria Ines. Redes Sociais, conhecimento e inovação localizada. **Informação & Informação**, Londrina, v.12, n. esp, 2007.